

EMÍLIA ARAÚJO, RITA RIBEIRO, PEDRO ANDRADE & ROSALINA COSTA

era@ics.uminho.pt; rmgr@ics.uminho.pt; pjoandrade@gmail.com; rosalina.p.costa@gmail.com

**CECS, UNIVERSIDADE DO MINHO | CECS, UNIVERSIDADE DO MINHO
| CECS, UNIVERSIDADE DO MINHO | UNIVERSIDADE DE ÉVORA**

APRESENTAÇÃO

Este livro reúne algumas das contribuições apresentadas no seminário “Viver em|a Mobilidade: Rumo a Novas Culturas de Tempo, Espaço e Distância” e que decorreu na Universidade do Minho, de 10 a 11 de novembro de 2016, em parceria com o Município de Braga. No seminário estiveram presentes investigadores de diversas áreas científicas, incluindo a Antropologia, a Sociologia, a Geografia e a Engenharia. Potenciando o debate interdisciplinar, o seminário abraçou o projeto de colocar na agenda da discussão assuntos que tomam hoje forma no âmbito da ação política conduzida pelas entidades públicas, nomeadamente pelas autarquias locais, dirigida à vasta problemática das mobilidades.

Destaque-se, entre os temas abordados, os seguintes:

- políticas urbanas para a mobilidade;
- tempos e espaços sociais da mobilidade;
- atores urbanos e cidadania;
- práticas cicláveis e estilos de vida;
- culturas urbanas e mobilidades;
- mobilidades transculturais;
- mobilidades digitais;
- viagens nas fronteiras das mobilidades.

Noel B. Salazar contribuiu no segundo dia do seminário com uma conferência sobre as mobilidades na contemporaneidade, tendo subscrito a enorme amplitude que o conceito adquire nas nossas sociedades. Antropólogo e utilizador das metodologias qualitativas de recolha de informação, Noel Salazar demonstrou, através de um filme etnográfico, o carácter dinâmico das mobilidades, assinalando a necessidade de as Ciências Sociais investirem cada vez mais no uso de métodos de investigação que capturam o sentido do movimento e da deslocação no momento em que ocorrem e se ajustam à análise das mobilidades como fenómenos múltiplos, pluriformes e, sobretudo, em constante mutação.

O autor, que se tem dedicado a esta questão da necessidade de renovação epistemológica e metodológica na área das mobilidades, explicitou também a pertinência que adquire hoje a desconstrução dos discursos sobre mobilidades, tal como apresentados e veiculados por diversos enunciadores no espaço público, assumindo o rumo ideológico que algumas dessas práticas discursivas e mediáticas podem adquirir. Isto porque as mobilidades abrem hoje um infindável número de questões a propósito de processos que configuram a (re)emergência de vários perfis de desigualdades sociais que envolvem a (i)mobilidade.

A intervenção de Noel Salazar constituiu, assim, um momento propício à reflexão e problematização do fenómeno das mobilidades a partir de várias outras características e mutações que caracterizam o mundo moderno e que passam por alterações nos padrões e concepções acerca dos usos do tempo e do espaço, incluindo a forte preeminência da ciência e da tecnologia na definição do fenómeno, enquanto experiência concreta de vida.

Com efeito, uma série de outras intervenções, parte das quais não refletidas nesta publicação, debruçou-se sobre temáticas que incluíram, desde as práticas de implementação de projetos de mobilidade suave, dando a mostrar as mudanças socioculturais em curso a respeito da mudança de hábitos nos usos do automóvel; até a questões que se prendem com a experiência e os modos de apropriação dos meios de transporte, entendidos como elementos sociotécnicos, altamente constituídos por redes que ligam sentidos, discursos e atores humanos e não humanos. Destaque-se, a este respeito, as contribuições que, ilustrando sobre o uso de metodologias de investigação-ação, declaram, por um lado, as condições para o surgimento de transportes coletivos flexíveis, adaptados a perfis socioeconómicos e regionais diferenciados e, por outro, o interesse em fazer colaborar nos projetos de pesquisa e de implementação relacionados com a mobilidade os contributos das ciências sociais, nomeadamente no que

concerne a participação pública no debate e na definição de políticas e formas de mobilidade.

Para além das temáticas debatidas ao longo do seminário que contou com a presença de vários atores que trabalham e desenvolvem projetos direcionados para questões da mobilidade, foram abertas diversas perspectivas de análise, a propósito da constituição e da sedimentação do desenvolvimento das mobilidades inteligentes. Referimo-nos, designadamente, aos impactos da crescente digitalização e recurso a tecnologias que, ao mesmo tempo que apoiam na deslocação e afetam a localização de eventos e de atores no espaço, trazem novos questionamentos que intersejam os modos de viver e experienciar o espaço físico, incluindo formas de convivência entre pessoas e entre pessoas e elementos tecnológicos.

Neste alinhamento, as mobilidades foram também questionadas do ponto de vista dos modelos e formas de organização dos tempos de trabalho e dos tempos de lazer, sendo questionados os modos e os estilos de vida das populações e a forma como estes influem na definição de políticas para a mobilidade. Mas sendo discutidas enquanto fenómeno dinâmico e em permanente mutação, as mobilidades ofereceram-se em diversas comunicações, enquanto fenómenos construídos pelos próprios sujeitos, no âmbito das suas práticas quotidianas, assim como enquanto estruturas que exercem constrangimento à ação e expectativa dos sujeitos, entre outras menos explícitas, sob a forma de infraestruturas e de elementos “técnicos” que se impõem no território e (re)conduzem modos de vida, tal como acontece, por exemplo, no caso da edificação de obras como as autoestradas.

O *e-book*, tal como dissemos, reúne alguns dos contributos apresentados abarcando temáticas como a evolução do conceito de mobilidade no âmbito da teoria social (Catarina Sales e Denise Sousa), o turismo (Márcia Silva e Rita Ribeiro) e os transportes (Luísa Sousa), assim como as mudanças nos conceitos e usos do tempo e a sua influencia na transformação do trabalho e das práticas sociais, sendo abordados os conceitos de ciber-tempo (Pedro Andrade) e nomadismo digital (Patrícia Matos), aceleração e tempo social (Alexandre Castro) e a construção identitária nas mobilidades transnacionais (Daniel Noversa). Cidália Silva apresenta-nos uma leitura interseccional entre a arte e a arquitetura sobre as mobilidades, destacando a relevância do tempo enquanto escultor de sentidos e de práticas no espaço. Paulo Ribeiro deixa-nos um olhar sobre o uso e a relevância das metodologias participativas no campo de análise das mobilidades. Carolina Castro faz sobressair as dimensões socio-antropológicas do espaço, com recurso a uma análise de caso do qual se destacam os processos de

distanciamento social aliados aos modos de apropriação do espaço nas cidades. Adriana Sousa; Bertha Santos e Jorge Gonçalves demonstram o modo de funcionamento de modelos adaptados ao estudo dos modos de circulação pedestre no espaço das cidades.

A problemática das mobilidades, não se esgota, portanto nos processos subjetivos de deslocação e apropriação dos espaços-tempos pelo indivíduo, nem no planeamento político e económico das macroestruturas que enformam as mobilidades. Enquanto conceito multidimensional, as mobilidades requerem ser analisadas nas suas diversas camadas de sentido, beneficiando dos cruzamentos interdisciplinares e situando criticamente o conceito nas configurações fluidas das sociedades contemporâneas. Tal significa conceber as mobilidades a partir de transformações e de dinâmicas que implicam hoje e profundamente as definições e as experiências do espaço e do tempo. As questões relacionadas com a velocidade são constitutivas dessas experiências e hoje apresentam dilemas cada vez mais relevantes, tendo em conta, inclusivamente, as transformações trazidas pela robótica e pelo desenvolvimento de transportes que dispensam o trabalho humano na condução de veículos.

Nesta perspectiva, o estudo das mobilidades desafia os próprios entendimentos acerca dos “limites” de espaço e de tempo com os quais nos habituámos a viver. Para além daqueles que já foram objeto de análise anteriormente e aos quais podemos juntar os fenómenos relacionados com catástrofes naturais e humanas que decorrem e/ou obrigam à mobilidade neste momento, os reptos que enfrenta o planeta (em grande parte ligados às transformações no modo de entender e lidar com os recursos naturais) têm movido cada vez mais interesses, tanto no sentido da aceleração – como disso é exemplo hoje o desenvolvimento dos transportes ultravelozes, incluindo avião, como no sentido da exploração de outros territórios, inclusivamente extraplanetários que posicionam também os humanos noutra(s) tempo(s) que se associam a outras desigualdades e que urge trazer para cima da mesa das análises e da investigação socio antropológica e multidisciplinar.

Citação:

Araújo, E., Ribeiro, R., Andrade, P. & Costa, R. (2018). Nota Introdutória. In E. Araújo, R. Ribeiro, P. Andrade & R. Costa (Eds.), *Viver em/a mobilidade: rumo a novas culturas de tempo, espaço e distância*. Livro de atas (pp. 5-8). Braga: CECS.